

A propósito, é interessante observar que nos *Anais*, nos volumes referentes aos anos de 1888, 1889 e 1890, não conseguimos encontrar uma única palavra sobre dois grandes acontecimentos da nossa história: a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Não há uma pista sequer onde o mais arguto pesquisador possa deduzir que tenha havido no país mudanças tão radicais. E como se esses dois fatos, tão importantes, não tivessem tido lugar... a uma distância de dois ou três quilômetros do próprio prédio da Biblioteca. Pena que nessa época ainda não eram escritos e publicados os Relatórios Anuais de Diretoria, onde teríamos talvez a oportunidade de sentir a reação "oficial" da Casa em face desses eventos e qual a repercussão que eles poderiam ter causado³². Só no volume nº 22 dos *Anais*, já no ano de 1900, vamos encontrar a primeira referência à República, mesmo assim indireta. É quando o diretor Teixeira de Mello deixa consignado o seu agradecimento ao ministro da Justiça, Epitácio Pessoa, pela volta à Biblioteca do busto em mármore de D. João VI, que tinha sido retirado do seu pedestal pelos republicanos, "por preocupações de seita philophica e de preconceitos politicos". Felizmente a Biblioteca conservou, mesmo assim, a sua força de guardiã da história: ela conseguiu recuperar, em silêncio, talvez a maior e mais completa coleção existente de documentos originais sobre a República e a escravidão.

E chegamos ao fim do século XIX

Em 31 de julho de 1892, toma posse como diretor da Biblioteca o Dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva. Será um grande diretor, como veremos.

Até lá, o século vai findando, vão desfilando novas administrações, uma ou outra ala vai sendo construída no velho prédio, que se mostra cada vez mais acanhado e insuficiente.

Em 1894, calcula-se que a Casa já possui cerca de 228 mil livros e que o seu crescimento chega a ser de mais mil peças por ano. Em 1895, faz-se um novo inventário, obtendo-se o seguinte resultado: